

# A RELAÇÃO ENTRE PABLO NERUDA E ESPANHA

*The relationship between Pablo Neruda and Spain*

Terumi Villalba\*

## Introdução

Para entender adequadamente o vínculo que uniu Pablo Neruda à Espanha é necessário conhecer alguns dados de sua biografia e da Guerra Civil espanhola (1936-1939), pois é na interface dessas duas histórias que se inscreve a sua história particular de tal forma que, no caso espanhol, poder-se-ia afirmar que sem essa relação não teria surgido a fama de “poeta combatiente”. Nesse sentido, Olivares é categórico quando declara que “Neruda se hará poeta combatiente en la España que vio morir a Federico García Lorca”,<sup>1</sup> após recordar que em maio de 1934, quando o poeta chegou em Barcelona para assumir um cargo consular, começava uma relação afetiva especialmente positiva, não só com os poetas da Geração de 27, mas com o ambiente em geral.

Pelos depoimentos de Neruda percebe-se que não se trata apenas de uma paixão por um país e sua gente, mas de uma identificação com uma cultura

\* Universidade Federal do Paraná

1 OLIVARES, 2004, p. 1.

sustentada pela mesma língua, destacada pelo próprio poeta que defendia a aproximação literária entre a Espanha e a América hispana. Mais do que isso: a consciência de identidade parece ter brotado de forma espontânea e inequívoca pelo contraste com sua experiência de vida anterior em que se sentia marginalizado: “Encontré una brillante fraternidad de talentos y un conocimiento pleno de mi obra. Y yo, que había sido durante muchos años martirizado por la incomprensión de las gentes, por los insultos y la indiferencia maliciosa, drama de todo poeta auténtico en nuestros países me sentí feliz.”<sup>2</sup>

A felicidade que transborda em suas palavras devido em grande parte à convivência proveitosa com poetas como Miguel Hernández, Rafael Alberti, Vicente Aleixandre, Gerardo Diego, Luis Cernuda, León Felipe, Manuel Altolaguirre, e sobretudo, Federico García Lorca, com quem compartilha o labor poético, não dura muito. Em julho de 1936 estala a guerra civil; um mês mais tarde é morto Lorca; em 1937 é obrigado a deixar o país que ele chamava “de luz” inundado em trevas, devido a sua posição abertamente anti-franquista. Apesar de sua condição de cônsul, Neruda nunca deixou de proclamar o absurdo daquela guerra em seus poemas, atitude que lhe valeu o fechamento da representação diplomática chilena em Madri, o que significou o seu regresso ao país natal. De longe, continuou sua luta em favor dos emigrados à França através de discursos e atos, tornando-se o interlocutor internacional mais ativo da causa republicana. Finalmente, em 1939 conseguiu, junto à Presidência do Chile, o cargo de Cônsul Especial para a Imigração Espanhola para organizar a ida dos espanhóis, que estavam em Paris, para o Chile, transformando a ira que explode em “España en el corazón” em prática de militância.<sup>3</sup>

Não se esgota nesse ponto o papel de amigo da Espanha. Em 1984, Luis María Ansón, um jornalista da TVE responsável pelo programa “300 millones”, que tinha como objetivo estabelecer uma relação mais estreita com a América hispânica, conseguiu, com a ajuda de alguns críticos, que os *Sonetos del amor obscuro*,<sup>4</sup> de García Lorca, dedicados ao seu amante, escondidos até então, viessem à luz devido à promessa feita ao poeta chileno, que reiteradamente se referia a eles como os mais belos poemas de amor em língua espanhola. O esforço de Neruda para publicá-los só pode ser compreendido em sua totalidade se for contextualizado na sociedade ibérica da época, de longa tradição cristã, em que o homossexualismo era considerado uma aberração sexual e motivo de

2 ANSÓN, 2004, p. 2.

3 AGUIRRE, 2004, p. 1.

4 A edição brasileira foi preparada pela editora Bertrand Brasil. A edição que serve de base para o comentário é a 3.ª edição, publicada em 2002.

discriminação pela própria família. No caso do Lorca, alegando-se “atentado ao pudor público”, teria sido motivo de sua prisão e fusilamento. A amizade entre os dois poetas era notória: mais do que o elogio recíproco das qualidades poéticas, era o reconhecimento afetivo de sensibilidades. Não só Neruda admirou os poemas ocultos e lutou pela sua publicação; em certo sentido Lorca retribuiu-lhe o gesto, escrevendo um poema à filha do amigo, Marina, num momento delicado de sua doença que a levou à morte, lido pelo próprio autor, num diálogo que atinge o limite da delicadeza. Matilde Urrutia, a última esposa de Neruda, percebeu melhor do que ninguém essa relação afetiva ao agradecer a Ansón o cumprimento do desejo de seu marido<sup>5</sup> e incluir entre os pertences do poeta chileno a poesia dedicada a Marina.

Entende-se, assim, a paixão e a cólera que perpassam *España en el corazón*.

### Sobre *España en el corazón*

Escrito entre 1936 e 1937, o longo poema que leva como sub-título *Himno a las glorias del pueblo en guerra*, publicado pela primeira vez em Santiago do Chile pela Editora Nascimento, é, na realidade, um conjunto de vinte e três poesias, incluído mais tarde no livro *Tercera residencia*.<sup>6</sup> Articuladas entre si pelo tema da guerra civil, sua origem se deveria, segundo Rafael Alberti e Luis Enrique Délano, à criação de um dos primeiros poemas que comporão o opúsculo, *Canto a las madres de los milicianos muertos*.

Inicia-se com uma invocação, em que expressa seu desejo de “un canto con explosiones, (...) de un canto inmenso, de un metal que recoja/ guerra y desnuda sangre”<sup>7</sup> e se define como filho da Espanha ao chamá-la de “madre natal”, e acaba com uma ode ao Exército do Povo, em que saúda e incentiva os soldados republicanos ao combate. Entre os dois extremos estão os seguintes poemas: *Bombardeo*, *Maldición*, *España pobre por culpa de los ricos*, *La tradición*, *Madrid* (1936), *Explico algunas cosas*, *Canto a las madres de los*

5 Ironicamente, os *Sonetos del amor obscuro* foram publicados pelo jornal ABC, de linha tradicional e monarquista, o que fez Luis María Ansón comentar sobre “la gran lección que brinda la poesía eterna, por encima de las ideologías políticas, a todos los que quieren, como Lorca deseaba, como Neruda soñaba, la España de la concordia, el Chile de la conciliación” (p. 1).

6 A partir daqui as referências ao poema serão da edição de 1972 publicada pela Losada de Buenos Aires.

7 NERUDA, op. cit., p. 41.

*milicianos muertos, Como era España, Llegada a Madrid de la Brigada Internacional, Batalla del río Jarama, Almería, Sanjurjo en los infiernos, Mola en los infiernos, El general Franco en los infiernos, Canto sobre unas ruinas, La victoria de las armas del pueblo, Los gremios en el frente, Triunfo, Paisaje después de una batalla, Antitanquistas, e Madrid* (1937).

Neles se misturam de forma atropelada razões ideológicas e pessoais: são os sentimentos de um cidadão indignado pela rebelião dos militares que leva o país ao caos total de três anos e a dor de um ser humano pela destruição de sua felicidade.

Para dar conta de sua fúria ante os estragos da guerra, cuja expressão mais significativa é a repetição abusiva da palavra *sangre* presente em quase todos os poemas, Neruda constrói textos que se aproximam do drama pela mistura de narração e descrição, bem como pela pressuposição de ouvintes/espectadores. Utiliza também a clássica estrutura binária, em que o bem e a vida se opõem ao mal e à morte, mas nesse caso, contrariamente à tradição, o bem não sai vitorioso a não ser no desejo de vencer do poeta, na sua inconformidade ante a pressentida derrota, já que afirma desde o início em *Canto a las madres de los milicianos muertos*: “No han muerto! Están en medio/ de la pólvora,/ de pie, como mechaz ardiendo.”<sup>8</sup>

Detrás dessa oposição radical torna-se clara a postura de Neruda ideologicamente marcado que, ao compor o poema, organiza de tal forma os tópicos em seqüência cronológica que é possível vislumbrar nele três momentos significativos: o da relação do poeta com a Espanha e Madri, o da impreciação e desprezo/ódio aos nacionalistas, e o do apoio e estímulo aos combatentes republicanos. Neles o escritor se move de forma barroca, utilizando imagens que vão da luminosidade e ternura até o espasmo escatológico.

## **Relação do poeta com a Espanha e sua capital**

Em primeiro lugar, Espanha aparece como “cristal de copa” e “machacada piedra”,<sup>9</sup> numa alusão direta à sua fragilidade/delicadeza e à fragmentação deliberada e total que culmina numa outra imagem “cuero y animal ardiendo”<sup>10</sup> referente à pele de touro que caracteriza o mapa desse país. Ao mesmo tempo que

8 Ibid., p. 47.

9 Ibid., p. 41.

10 Id.

alude ao processo de rompimento de uma forma mais veemente que seu colega espanhol Antonio Machado, que cantava “Españolito que vienes/ al mundo, te guarde Dios. Una de las dos Españas/ ha de helarte el corazón”,<sup>11</sup> Neruda, tal como tinha feito Machado anos antes, resgata o retrato de uma Espanha dura e seca, chamando-a dolorosamente de “puño de/avena endurecida”, “planeta/ seco y sangriento de los héroes”<sup>12</sup> ou de “tirante y seca”.<sup>13</sup>

Para o poeta, a descrição, ríspida na aparência, implica em um sentimento de revolta e de conseqüente crítica – muito dura – aos que condenaram o país a essa situação, o que justifica o tom de imprecisão do segundo poema *Bombardeo*, construído sobre o interrogativo *quién*, buscando o responsável pela sucessão de “piedra y muerte y llanto y llamas.”<sup>14</sup> O sentimento de impotência que transparece nessa poesia transforma-se em ira que fundamenta a *Maldición*, exacerbada novamente pelo contraste entre morte e nascimento: “Patria surcada, juro que en tus cenizas/ nacerás como flor de agua perpetua,”<sup>15</sup> para vomitar o esperado adjetivo *malditos*, reiterado três vezes numa sucessão rápida antes de mencionar “malditos los/que esperaron este día para abrir la puerta/de la mansión del moro y al bandido.”<sup>16</sup> É possível encontrar nesse poema uma referência à primeira ocupação árabe no século VIII, narrada pela história e cantada pelos poetas do Romanceiro medieval. Também naquela ocasião, teria sido um traidor cristão que abriu a passagem para os inimigos dos visigodos, feito que custaria aos cristãos oito séculos de luta para reconquistar o território.

No mesmo estilo imprecatório, Neruda recorre à história para responsabilizar os militares e a Igreja pela pobreza da Espanha, por não terem dado pão, mas lágrimas, à pátria, por não permitirem o acesso à educação, por manterem um tradicional sistema político e religioso corrupto que impediu a produtividade guardada no seio do povo, uma acusação carregada de ironia garantida pelo uso do imperativo negativo e afirmativo:

No levantéis escuelas, no hagáis crujir la cáscara  
terrestre con arados, no llenéis los graneros

11 MACHADO, 1973, p. 171.

12 NERUDA, op. cit., p. 41.

13 Ibid., p. 49.

14 Ibid., p. 42.

15 Id.

16 Id.

de abundancia trugal: rezad, bestias, rezad,  
que un dios de culo inmenso como el culo del rey  
os espera: “Allí tomaréis sopa, hermanos míos”<sup>17</sup>

Para recalcar sua fúria contra a tradição contraproducente, representada pela direita nacionalista, Neruda a vivifica transgredindo os limites semânticos de um conceito ou de uma classe política para lhe imputar as características mais asquerosas de um ser degradado. Em alguns momentos a transformação culmina em bestialização, em que a noção abstrata de “tradição” adquire contornos humanos e monstruosos e se transmuta em um ser com rabo, que passeia cheio de coriza, pus e peste, cujos olhos são “verdes babosas comiendo tumbas.”<sup>18</sup> O sarcasmo transgressor atinge o auge nesse poema, que inequivocamente se intitula *La tradición*, nos últimos versos quando o poeta esclarece que a besta, cuja boca não possui dentes, morde “la espiga sin nacer, el mineral secreto,”<sup>19</sup> numa alusão direta à exploração dos pobres pelo poder constituído e à manutenção da pobreza para salvaguardar seus interesses.

Em segundo lugar, como reverso da moeda, é a declaração de amor que se vislumbra na descrição desse país tipificado pela pobreza e abandono, “llanura y nido de águilas, silencio/ de azotada intemperie”,<sup>20</sup> e que se traduz na nomeação, possivelmente aleatória, de cento e vinte e três *pueblos* em quinze estrofes. A citação numérica não responde a uma exigência quantitativa, mas à necessidade subjetiva de congregar, um a um, todos os membros da comunidade hispânica espalhados pelo país num ato de grande abraço paternal, cujo significado parece vacilar entre a dor e a impotência ao saber de sua destruição. Visto assim, a sucessão de nomes, feita de maneira amorosa, permite que o percurso imaginário extrapole o sentido geográfico e humanize as regiões representadas.

A humanização de lugares, “pecho del cielo”, “campanada de voz negra”, “cuerpos de acero,”<sup>21</sup> e especialmente a sua caracterização como mulher, própria da influência poética árabe tal como aparece nos “romances”, é usada por Neruda tanto para se referir à Espanha como a Madri. Desse modo, a Espanha seca foi proibida de “parir las minas”<sup>22</sup> pelos latifundiários ociosos, bem como a sua capital, “recién herida”<sup>23</sup> pela guerra civil, possui joelhos e olhos, e corre pelas

17 Ibid., p. 43.

18 Id.

19 Id.

20 Ibid., p. 49.

21 Ibid., p. 47-48.

22 Ibid., p. 43.

23 Ibid., p. 44.

ruas deixando marcas de sangue. Convém ressaltar, no entanto, que, diferentemente da concepção literária medieval, no texto do poeta chileno, a cidade tornada mulher perde em alguns momentos sua feminilidade e adquire traços tipicamente masculinos, já que sua voz é de oceano e seu comportamento o de uma montanha vingadora. Por outra parte, a comparação com o oceano e com a montanha fazem-na retornar à condição de um elemento espacial, numa oscilação às vezes confusa que pode ter sido provocada pela emoção e afetividade.

Do ponto de vista textual, a humanização abre passo a uma relação dialógica entre o autor e o entorno, o que facilita o extravasamento de seus sentimentos de forma direta. Nesse sentido, o uso da segunda pessoa no tratamento à cidade assegura a intimidade conquistada por Neruda nos dois anos de residência participativa, e a sustenta ao longo de um dos poemas mais antológicos de *España en el corazón*, qual seja, *Explico algunas cosas*:

Preguntaréis: Y dónde las lilas?  
Y la metafísica cubierta de amapolas?  
Y la lluvia que a menudo golpeaba  
sus palabras llenándolas  
de agujeros y pájaros?

Os voy a contar todo lo que me pasa.

Yo vivía en un barrio  
de Madrid, con campanas,  
con relojes, con árboles.

Desde allí se veía  
el rostro seco de Castilla  
como un océano de cuero. Mi casa era llamada

la casa de las flores, porque por todas partes  
estallaban geranios: era  
una bella casa  
con perros y chiquillos.  
Raúl, te acuerdas?  
Te acuerdas, Rafael?  
Federico, te acuerdas  
debajo de la tierra,  
te acuerdas de mi casa con balcones en donde  
la luz de junio ahogaba flores en tu boca?

Embora sempre veemente, não se trata mais de uma relação amorosa no abstrato entre o poeta e uma cidade. Trata-se de um bairro específico (Arguelles), que abrigava sua casa que, por sua vez, abrigava uma amizade concreta, ambas caracterizadas como um espaço luminoso, em que se conjugam o visual, o olfato (“flores” e “estallaban geranios”) e o auditivo (“con perros y chiquillos”). Num quadro onde se destaca a singeleza de uma cena familiar, a reiteração de “te acuerdas?” reforça tanto a diferença entre o passado e o presente, como o patetismo da pergunta dirigida a Lorca já assassinado, sublinhado mais adiante pelo contraste com o bulício do mercado municipal que existe em vários bairros madrilinhos. Na realidade, Neruda, tão homem do povo quanto hispano-americano, não deixaria de dedicar versos ao alimento como pão, azeite, peixe, batata e tomate, tornando-os símbolos da vida pelo processo de animação simples que mostra em *Odes elementares*.

## Neruda e os nacionalistas

Se na relação com a Espanha e Madri o poeta se mostra sensível como homem enamorado, fazendo uso de imagens contrastantes para destacar o grau de sua paixão e dor, no tratamento dispensado aos nacionalistas observa-se uma inegável conotação corrosiva. O diálogo dá lugar a imprecações e os vários epítetos para designá-los, que vão desde os conhecidos “Malditos”<sup>24</sup> e “traidores”<sup>25</sup> até “mulo”<sup>26</sup> e “perro de la tierra”,<sup>27</sup> passando por “bestias”,<sup>28</sup> “monstruos devoradores”,<sup>29</sup> “víboras”,<sup>30</sup> “hienas”<sup>31</sup> e “Chacales”,<sup>32</sup> parecem não dar conta de seu desprezo, obrigando-o a empregar uma metáfora superlativa, “Chacales que el chacal rechazaría”,<sup>33</sup> ou uma descrição sarcástica baseada no acúmulo de detalhes e na reiteração da palavra-chave “plato”:

24 Ibid., p. 42.

25 Ibid., p. 46.

26 Ibid., p. 58.

27 Ibid., p. 59.

28 Ibid., p. 43.

29 Id.

30 Ibid., p. 46.

31 Ibid., p. 49.

32 Ibid., p. 46.

33 Id.



Un plato para el banquero, un plato con mejillas  
de niños del Sur feliz, un plato  
con detonaciones, con aguas locas y ruinas y espanto,  
un plato con ejes partidos y cabezas pisadas,  
un plato negro, un plato de sangre de Almería.<sup>34</sup>

A mescla de elementos díspares como “mejillas de niños”, “aguas locas”, “ejes partidos”, “cabezas pisadas” ajuda a compor uma espécie de banquete ritualístico diabólico consagrado pelo prato de sangue, numa clara inversão de valores, em que se questiona o comprometimento da Igreja com as forças nacionalistas.

É interessante observar que, embora se mostre feroz desde a notícia da sublevação militar, ao princípio Neruda parece estar aturdido com a situação que não quer aceitar, o que transparece na interpelação a todos os inimigos numa tentativa de comoção e reversão da guerra, “Venid a ver la sangre por las calles,/ venid a ver/la sangre por las calles,/ venid a ver la sangre/ por las calles!”<sup>35</sup> Trata-se de uma apelação inútil, cuja constatação faz com que o poeta mude o estilo de seu discurso e opte por uma espécie de vingança, renegando/amaldiçoando os três generais responsáveis pela destruição da Espanha (Mola, Sanjurjo e Franco) e descrevendo o inferno onde estariam sendo torturados, numa visão simplista do bem e do mal à moda do antigo catecismo.

## Neruda e os republicanos

A forma de se dirigir aos combatentes republicanos é diametralmente oposta ao tratamento dado aos inimigos no que se refere ao léxico. Em primeiro lugar, não são animais “traidores”, mas “hermanos” ou “camaradas”; em segundo lugar, não são objeto de desprezo e ódio, mas merecedores de admiração. Para marcar essa radical oposição, o poeta se vale de adjetivos, “silenciosos y firmes”,<sup>36</sup> de substantivos, “vuestra pureza e vuestra fuerza”,<sup>37</sup> e estruturas comparativas, “*como campanas antes del alba*”,<sup>38</sup> em que se destaca o contraste

34 Ibid., p. 56.

35 Ibid., p. 47.

36 Ibid., p. 53.

37 Ibid., p. 54.

38 Ibid., p. 53.

entre o vil e rastejante como são as serpentes, anteriormente mencionadas, e o solene/resistente e elevado como são os sinos.

É interessante observar que atrás desse binômio existe a metáfora da disputa íntima entre a desolação ante o avanço dos nacionalistas e a esperança renovada pela chegada da Brigada Internacional (“Llegada a Madrid de la Brigada Internacional”), a qual culmina na oscilação entre a humilhação da derrota e as últimas referências elogiosas aos soldados do povo (“Oda solar al Ejército del Pueblo”, “Antitanquistas”, “La victoria de las armas del pueblo”, “Triunfo”). Neruda não consegue se conformar com o rumo dos fatos: a impotência se insinua nas entrelinhas de “Los gremios en el frente”,<sup>39</sup> onde alude à participação da classe popular, ressaltando a iniquidade entre os dois bandos. Mais do que isso: o seu olhar de companheirismo sobre os ferroviários, os mineiros, os pescadores, os pequenos comerciantes, e sua pergunta retórica “Dónde están?” permitem estabelecer paralelismo com vários poemas do Romancero da Guerra Civil escritos pelos próprios soldados para se apoiarem uns nos outros.<sup>40</sup>

Por outro lado, em alguns momentos o choque entre o desdém pelos inimigos e o sentimento de orgulho que se nota em defender e dialogar com os partidários, compartilhando suas lutas e derrotas, é substituído por um tom de tristeza ao deparar-se com as ruínas em “Canto sobre unas ruinas”: “Esto que fue creado y dominado,/ esto que fue humedecido, usado, visto,/ yace – pobre pañuelo – entre las olas/ de tierra y negro azufre”,<sup>41</sup> o qual adquire uma conotação melancólica quando a realidade e a lembrança do passado se cruzam: “No hay en esa ciudad,/ en donde está lo que amo,/ no hay pan ni luz: un cristal frío cae/ sobre secos geranios”.<sup>42</sup>

Esta é a parte mais conflitiva de *España en el corazón* pela diversidade de sentimentos. Se sua relação com a Espanha pode ser resumida na palavra “amor”, e sua opinião sobre os nacionalistas em “ódio”, a aproximação de um admirador aos republicanos só pode ser adequadamente entendida no contexto da derrota que revela um coração dividido entre a exortação e o sofrimento. Em ambos os casos, Neruda sabe que sua arma mais poderosa é a palavra, com a qual concorre para assegurar a memória coletiva e, por conseguinte, o resgate da dignidade dos perdedores.

39 Ibid., p. 63.

40 BLANCO AGUINAGA et al., 1988.

41 NERUDA, op. cit., p. 61.

42 Ibid., p. 66.

## Conclusão

A partir de alguns dados biográficos e do breve comentário sobre *España en el corazón* é possível afirmar que Pablo Neruda foi efetivamente “poeta combatiente”. Nesse sentido, deve-se lembrar que se a sua relação de amor com a Espanha e sua gente garante as melhores expressões, consolidadas pela harmonia e equilíbrio numa estrutura de contrastes, em momentos de ira, estas se tornam exageradamente caóticas no afã de acumular detalhes chocantes. É, sem dúvida, um poeta marcado pela militância política, que escreveu vários discursos defendendo os interesses dos republicanos, o que explica em parte o estilo panfletário de alguns poemas, mas que nem assim perdeu por completo o manejo da palavra poética.

Por outra parte, seu contato com a literatura espanhola não se resumia à amizade com os poetas contemporâneos, sobretudo com García Lorca, cuja obra ajudou a difundir, mas incluía o conhecimento dos clássicos (era admirador de Benito Pérez Galdós), e sobretudo a defesa de uma ampla cultura literária ibero-americana.

É inegável que Neruda escreveu sua página na história espanhola, tanto no sentido literário como ideológico.

## RESUMO

Baseando-me em sua biografia e na poesia *España en el corazón*, este artigo tem como objetivo revisitar a relação que o poeta chileno Pablo Neruda (1904 -1973) manteve com a Espanha como diplomata, poeta e ser humano, bem como conferir até que ponto a fama de “poeta combatiente” se sustenta dentro do assunto escolhido. Nessa retomada de tópico não espero novidades: trata-se principalmente de um olhar curioso sobre uma das personalidades poéticas reconhecidamente mais significativas da América Latina, uma aproximação que pretende ser uma homenagem a seu centenário de nascimento.

*Palavras-chave: poeta combatiente, relação Neruda e Espanha, emotividade.*

## RESUMEN

Basándome en su biografía y en la poesía *España en su corazón*, este artículo tiene como objeto revisitar la relación que mantuvo el poeta chileno Pablo Neruda (1904

– 1973) con España como diplomático, poeta y ser humano, así como averiguar hasta qué punto se sostiene la fama de “poeta combatiente” en el asunto escogido. No espero novedades en esa revisitación: se trata sobre todo de una mirada curiosa sobre una de las personalidades poéticas reconocidamente más significativas de América Latina, un acercamiento que pretende ser un homenaje a su centenario de nacimiento.

*Palabras-clave: poeta combatiente, relación Neruda y España, emotividad.*

## ABSTRACT

Based on his biography and on the poem *España en el corazón*, this study attempts to re-examine the relationship that the Chilean poet Pablo Neruda (1904-1973) experienced in Spain as a diplomat, poet, and human being as well as consider the extent to which his reputation as “people’s poet” can be supported. No surprises are to be expected in this process of revisiting the topic; it is mainly the result of an inquisitive look at one of the most noteworthy Latin American poets to whom we pay tribute as we celebrate his birth centenary.

Key-words: people’s poet, relationship Neruda and Spain, emotionality.

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Margarita. *Biografía de Pablo Neruda*. Disponível em: <<http://www.chilevive.cl/homenaje/neruda/biografia.shtml>>

ANSÓN, Luis María. *Eran España y Chile: se llamaban Federico y Pablo*. Disponível em: <[http://www.elcultural.es/Historico\\_articulo.asp?c=9931](http://www.elcultural.es/Historico_articulo.asp?c=9931)>

BLANCO AGUINAGA, Carlos et al. *Historia social de la literatura española*. 2. ed. Madrid: Castalia, 1988. v. 3.

GARCIA LORCA, Federico. *Sonetos do amor obscuro: divã de Tamarit*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MACHADO, Antonio. *Poesías*. 11 ed. Buenos Aires: Losada, 1973.

NERUDA, Pablo. *Tercera residencia*. 4. ed. Buenos Aires: Losada, 1972.

OLIVARES, Edmundo. *Pablo Neruda, cónsul de Chile en la España en guerra*. Disponível em: <<http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/publicaciones/pares/neruda.htm>>